

O Movimento do Rosário em Família, estratégia anticomunista no Brasil dos anos 60

ANDERSON JOSÉ GUI SOLPHI*

WASHINGTON DC, 06 Jan. 09 / 03:15 am (ACI).- Fiéis de todo o mundo celebram o centenário do nascimento do Servo de Deus Patrick Peyton, o sacerdote que chegou a ser conhecido como o "Padre do Rosário" e que animasse a reza desta oração Mariana com o lema "Família que reza unida, permanece unida". Na América do Sul, as celebrações também estarão presentes. No Brasil, uma Eucaristia será celebrada na sexta-feira 9 de janeiro na Igreja de Nossa Senhora de Copacabana no Rio de Janeiro e se projetarão alguns filmes sobre a vida do Pe. Peyton em distintas paróquias.¹

A citação é do site oficial do Movimento do Rosário em Família, sediado em Washington. Ele revela que as ações do Padre Patrick Peyton ainda estão na memória de alguns meios católicos, especialmente após a abertura de seu processo de beatificação pelo Vaticano em 2001. (ROSÁRIO EM FAMÍLIA BRASIL, 2009, p.10) O Padre Patrick Peyton fundou nos EUA um movimento religioso católico denominado *Holy Cross Family Ministries*, no Brasil foi chamado de Cruzadas do Rosário. Para os adeptos do movimento, a divulgação da oração do rosário em família foi sua principal característica. Também realizavam grandes eventos que atraíam multidões a estádios e praças, os chamados *Ralies*. Nestes eventos, além das orações e palestras Padre Patrick Peyton convidava grandes astros e estrelas do cinema para rezar dezenas do terço ao microfone, como tentativa de conduzir as multidões à prática da reza diária do terço. O religioso atuou no Brasil entre 1962 e 1964, orientando a realização das Cruzadas do Rosário.

Alguns grupos de espiritualidade que predominavam nos meios católicos nos anos 1960, como os Círculos Operários, Legião de Maria e Apostolado da Oração,

* PPGH/UPF (Universidade de Passo Fundo), aluno de mestrado, bolsista CAPES. Graduado em História (UNOESC/2001). Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo (UPF). Bolsista CAPES. Email: mnemosyne_clio@hotmail.com

¹ MOVIMENTO DO ROSÁRIO EM FAMÍLIA. Disponível em: <<http://www.hcfm.org>>, acesso em 15 de julho/2009.

desapareceram ou perderam força ao longo do tempo, mas o Movimento do Rosário em Família continua em atividade no Brasil e em outros países, embora pouco apareça no cenário eclesial contemporâneo.

Atualmente, a sede brasileira do movimento está localizada na Avenida Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro. Embora com poucos membros, especialmente senhoras (algumas delas conheceram pessoalmente o Padre Patrick Peyton), há católicos que se dedicam a dar continuidade às atividades do movimento. Mas quais seriam os objetivos do movimento no século XXI? A citação demonstra o Padre Patrick Peyton continuam sendo lembrado na cidade do Rio de Janeiro, lugar de realização de uma das maiores cruzadas mundiais do rosário nos anos 60. No passado o Padre Patrick Peyton utilizou a tecnologia disponível na época para divulgar suas idéias. Hoje, os membros do movimento têm na internet sua principal ferramenta de divulgação. Na citada página oficial do movimento é possível aos internautas inscreverem sua lista de pedidos para orações.

Patrick Peyton, padre da Congregação de Santa Cruz², ficou conhecido mundialmente como “o Padre do Rosário”. Pretende-se apresentar aqui um ensaio biográfico do Padre Patrick Peyton e sua trajetória no combate ao comunismo nos anos da chamada “Guerra Fria”, afinal, os grandes eventos de massa realizados pela equipe do Padre Patrick Peyton aconteceram entre 1948 e 1985. Estes foram os anos em que se intensificaram no cenário mundial as disputas ideológicas entre os blocos capitalista, liderado pelos Estados Unidos, e socialista, liderado pela então URSS. No Brasil – onde o discurso da bipolaridade derivado da Guerra Fria também teve muita repercussão - entre 1962 e 1963, o Padre Patrick Peyton organizou a realização de vários *Ralies*, no encerramento das Marchas do Rosário. O discurso da família, aliado à idéia da propagação anticomunista contribuíram para o fortalecimento de repúdio a esta ideologia nos meios católicos. As idéias do Padre Patrick Peyton estavam em efervescência entre os católicos organizadores e participantes da Marcha da Família

² Congregação de Santa Cruz: agrega padres, irmãos consagrados (não sacerdotes) e freiras. A congregação de Santa Cruz foi fundada na França, após a Revolução Francesa (1835) pelos padres Jacques Dujarié (1767-1837) e Basílio Moreau no Bairro Santa Cruz em Le Man – França. A congregação dedica-se à educação católica de crianças e adolescentes.

com Deus pela Liberdade, evento que antecedeu ao Golpe Militar em 1964. (SKIDMORE, 1994)

Para Bourdieu (1986, 188) a produção dos discursos biográficos ou autobiográficos é regida pela lei do discurso sobre si. O relato de vida enfatiza especialmente o mercado para a qual se destina. A publicação é uma representação que se torna sujeita a coações e censuras específicas, até mesmo jurídicas. Portanto, a elaboração biográfica é permeada de muitas intencionalidades. A produção do discurso não é aleatória e simultânea como a vida e sim ordenada cronologicamente a partir de recortes temporais e espaciais. Assim, cabe ao historiador, ao analisar tal produção enquanto fonte, problematizar e dar visibilidade àquilo que fora intencionalmente ocultado.

A ‘superfície social’, entendida por Bourdieu como a descrição minuciosa e análise dos contextos e campos em que a trajetória de um indivíduo se imbrica com a história, são chamadas por Bourdieu de ‘superfície social’. O indivíduo ocupa simultaneamente um conjunto de posições e atribuições que lhe permitem agir como interventor em diferentes campos. Essa posição nunca é unilateral, mas a produção hegemônica das histórias de vida destaca apenas um aspecto da vida do biografado, classificando-o conforme os interesses. (BOURDIEU, 1986, p.189). No caso do Padre Patrick Peyton, tanto sua biografia como sua autobiografia evidenciam o universo religioso de sua trajetória de formação. Embora suas ações mais significativas e menos publicizadas tenham sido no campo político, especialmente no combate ao comunismo, a perspectiva religiosa não é desprovida do sentido fundante desta prática.

Para BOURDIEU (1986, p.190), o conceito de trajetória pode ser entendido:

“... como série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente, [...] num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações.” (1986, 189) Neste sentido, para compreender a biografia de um indivíduo, precisamos investigar sua trajetória, ou seja, a rede de relações e associações desse sujeito não só no campo em evidência, mas “... nos estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e no conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado [...] ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis.”

Para este trabalho, além do arsenal teórico de Bourdieu, já referido, faço uso de duas fontes sobre a vida do religioso. A primeira delas é uma biografia do Padre Patrick Peyton, publicada por Jeanne Gosselin Arnold em 1983. A autora é membro do *Holy Cross Family Ministries*, movimento fundado pelo Padre. Arnold também o acompanhou em várias Cruzadas. Trata-se de um livro de memórias. A segunda fonte é a autobiografia de Patrick Peyton, publicada nos Estados Unidos em 1967 (1967). Nenhum dos livros citados foi traduzido e publicado no Brasil, embora a obra de Arnold (1983) apresente um capítulo sobre os trabalhos de Patrick Peyton no Brasil.

Apresentando Patrick Peyton

Já houve o tempo em que a prática historiográfica consistia em apresentar a biografia dos “grandes homens” do passado. Essa prática foi combatida em fins do século XX e renasceu como possibilidade historiográfica no século XXI em outro contexto, com outros métodos e possibilidades.

Para Sabine Loriga “Após um longo período de desgraça, durante o qual os historiadores se interessaram pelos destinos coletivos, o indivíduo voltou hoje a ocupar um lugar central em suas preocupações”. (LORIGA, 1998, p.224) Esse ‘novo olhar’ sobre a biografia pode nos remeter ao campo da história atenta ao cotidiano e às subjetividades. Assim, pretende-se ir além da narrativa cronológica da vida do Padre Patrick Peyton, analisando a trajetória narrada por sua biógrafa contextualizando as intencionalidades de sua construção narrativa.

Conforme sua autobiografia, Patrick Peyton nasceu em 09 de Janeiro de 1909 no Condado de Mayo, Irlanda. Foi o sexto dos nove filhos do casal John Peyton e Mary Gilliar Peyton. A família Peyton não tinha posses, e foi nesse contexto de pobreza e busca de oportunidades que Patrick emigrou para os Estados Unidos, aos 19 anos de idade. (PEYTON, 1967, p.74) Chegou a Scranton, Pennsylvannia em 1928. Em meio a difíceis condições e falta de opções, foi abrigado na catedral, onde começou a trabalhar como sacristão. Sua família o tinha educado como católico e desde que estava na Irlanda a vida sacerdotal lhe atraía muito, embora nunca tivesse dinheiro para estudar em um seminário. Já nos EUA, na mesma catedral em que trabalhava como sacristão,

obteve a ajuda do Monsenhor Kelly, que pagou sua educação secundária. (PEYTON, 1967, p.45)

Podemos apontar as dificuldades enfrentadas por Peyton tentando sobreviver longe dos familiares e longe do continente europeu. A Igreja Católica não é predominante em número de fiéis nos Estados Unidos e o fato de Patrick Peyton ter conseguido abrigo e ajuda junto a uma paróquia católica foi não só uma oportunidade de sobrevivência. Talvez tenha sido a única chance vislumbrada por ele para avançar nos estudos ao pedir aos padres para ingressar na Congregação dos Padres de Santa Cruz.

Depois de aceito na Congregação de Santa Cruz, Patrick Peyton cursou Teologia no seminário da Universidade de Notre Dame. Durante o último ano do curso, adoeceu com tuberculose. Teria passado um ano inteiro na enfermaria de Notre Dame. Mas, como por milagre, teria se recuperado. Ele atribuiu sua melhora inexplicável à intercessão da Virgem Maria. (PEYTON, 1967, p.70)

Foi ordenado sacerdote em 15 de maio de 1941. Durante seu primeiro trabalho como padre, capelão do colégio da Congregação, com a permissão de seus superiores, começou a enviar cartas aos bispos dos Estados Unidos. O motivo das cartas era a promoção da reza do rosário nas famílias. Queria, dessa forma, agradecer ‘a graça’ por sua saúde, pretensamente concedido por graça da Virgem. Em função desta dedicação e louvor a Virgem, mais tarde o chamariam de ‘O sacerdote do Rosário’. (PEYTON, 1967, p.86)

Em 1947, com o apoio de muitas estrelas do cinema de Hollywood, criou a *Family Teather Productions*, produtora dedicada a preparar filmes e documentários católicos. No ano seguinte, em 1948, teria concretizado sua primeira Cruzada do Rosário em London, Ontário, Canadá. Essas campanhas tentavam convencer às famílias a importância de rezar o rosário³ diariamente. Entendiam que se a família tradicional se desagregasse, estaria abrindo oportunidades para o avanço socialista. Para combater tal

³ Sobre a origem do Rosário, aponta-se na tradição católica, São Domingos de Gusmão (1222) como o propagador histórico da oração do Rosário. Ela não a teria criado, mas recolhido o costume que já existia entre os católicos europeus. Nos mosteiros ocidentais, aos monges que não sabiam ler, cabiam a tarefa de rezarem 150 Pai-Nossos ou 150 Ave-Marias a cada dia. Os moradores de aldeias próximas a mosteiros, copiaram a forma simples de rezar, iniciando a tradição popular. (ANTONIO MARIA, Padre. O Rosário de nossa Senhora. São Paulo, DC SET Promoções (CD), 1996.

medo, a arma seria a oração do rosário, pois a metodologia desta oração aponta para a recitação das fórmulas em grupo. A recitação do rosário em família seria uma estratégia para mantê-la unida. (ARNOLD, 1983, p.67)

Suas campanhas passaram a reunir multidões. Em 1965 em Barcelona, Espanha, reuniu 800 mil pessoas; em 1961 em São Francisco, Califórnia, Estados Unidos, por volta de 800 mil pessoas; em 1958, em San Pablo, Minnesota, EUA, agregou 220 mil; em 1962 no Rio de Janeiro e em 1964 em São Paulo, Brasil reuniu cerca de um milhão de pessoas. (ARNOLD, 1983, p.296)

Em decorrência de problemas de saúde, o Padre do Rosário faleceu em 1992. A pedido da própria Congregação de Santa Cruz e dos membros do Movimento do Rosário, o Vaticano aceitou abrir o processo de estudos para a sua canonização em 2001.

Patrick Peyton e as Cruzadas do Rosário

Ao colocar uma “lente de aumento” sobre a trajetória e a narrativa biográfica do Padre Patrick Peyton, pretendo apresentar uma escrita da história que busque “... uma descrição mais realista do comportamento humano, empregando um modelo de ação e conflito do comportamento do homem no mundo que reconhece sua – relativa – liberdade além, mas não fora, das limitações dos sistemas normativos prescritivos e opressivos”. (LEVI, 1992, p.135)

O Padre Patrick Peyton afirmava ter sido curado por Nossa Senhora e como recompensa organizou as Cruzadas para difundir a fé em Maria e no Rosário (PEYTON, 1967, p.74). Papas e presidentes elogiaram-no. As estrelas e magnatas de Hollywood deram generosamente o seu tempo e talento para ajudá-lo. Essa ajuda foi motivada apenas por sentimentos religiosos? Pessoas influentes, especialmente políticos e empresários, estavam interessados em combater o comunismo e a obra iniciada pelo Padre Patrick Peyton parecia ser eficiente.

As Cruzadas do Rosário consistiam em grandes campanhas de missões populares de evangelização. Para preparar o evento havia grandes equipes, responsáveis pela organização e divulgação. Durante a divulgação, eram exibidos filmes de 30 minutos, contendo meditações do rosário. As equipes eram compostas não só por

missionários religiosos, mas por um grande número de técnicos. (ARNOLD, 1983, p.180)

Para executar tamanha campanha podemos conjecturar negociações, manipulações e escolhas do Padre Patrick Peyton diante de possibilidades nos campos do religioso e do político. Conforme informa Arnold (1983, p.183), na preparação da Cruzada no Rio de Janeiro em 1962, cento e trinta e três técnicos e trezentos e quarenta e nove palestrantes foram treinados pelo padre Patrick Peyton. Um número que podemos considerar expressivo, pois na década de 60 em comparação com o século XXI, as limitações tecnológicas eram bem maiores, especialmente a disponibilidade de mão-de-obra de técnicos especializados.

As Cruzadas do Rosário no Brasil

Quais teriam sido os motivos da escolha da Campanha ser realizada no Brasil? Há divergências de informações entre os próprios membros do movimento. Segundo seu site no país⁴, foi a convite do então Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Jaime de Barros Câmara, em 1962, que o padre Patrick Peyton, fundou naquela cidade uma sede de sua missão. Todavia, sua biógrafa Arnold nos dá pistas mais consistentes dos motivos que levaram o Padre Patrick Peyton a escolher o Brasil para realizar as Cruzadas do Rosário:

Brazil was at a critical crossroads when the Family Rosary Crusade arrived there. The head of government was secretly planning the demise of the constitutional democracy. Communists stirred the cauldrons of the nation's troubles brewing revolution. President João Goulart was an ambitious man. He schemed to use the radical left to destroy the legal democracy and replace it with dictatorship under his rule, through which he expected to grab personal wealth and total power. He made deals with Russia and fulfilled his part of the bargain by appointing undercover Communist agents to key government positions. (ARNOLD, 1983, p.191)⁵

⁴ MOVIMENTO DO ROSÁRIO EM FAMÍLIA. Disponível em : <<http://www.rosarioemfamilia.org>>, acesso em 09 de fevereiro de 2011.

⁵ *O Brasil estava em uma encruzilhada crítica quando a Família Cruzada do Rosário chegou lá. O chefe do governo foi secretamente planejando a morte da democracia constitucional. Comunistas agitaram os caldeirões da nação criando problemas. Presidente João Goulart era um homem ambicioso. Ele planejou usar a esquerda radical para destruir a democracia legal e substituí-lo por que ele esperava para poder confiscar toda a propriedade privada.. Ele aceitou sugestões da Rússia e cumpriu sua parte no trato com a nomeação de agentes secretos comunistas para cargos chaves do governo. Tradução livre do autor.*

A afirmação demonstra que os membros do *Holy Cross Family Ministries* não estavam no Brasil apenas com uma missão religiosa desinteressada. Conheciam a conjuntura política interna do país e também as relações internacionais e diplomáticas brasileiras. Para eles, o presidente João Goulart preparava um golpe de estado para instalar uma ditadura socialista.

No Brasil, o capitalismo tardio estava sustentado pelo estado ou por organizações transnacionais. Era necessário garantir a continuidade do desenvolvimento do modelo econômico capitalista e, para tal, foram organizadas várias agências e agentes utilizados pelos interesses multinacionais e associados, assim como da formação de novos sujeitos políticos que garantissem o combate à proliferação de idéias socialistas, consideradas perigosas ao modelo vigente. (DREIFUSS, 1981, p.66)

Em meio à chamada “guerra fria” que dividia o mundo em dois pólos e áreas de influência socialista sob o comando da URSS e capitalista sob a tutela dos EUA, os governos de Jânio Quadros e depois de João Goulart procuravam usar uma política internacional independente. Daí a contradição, pois o Brasil era considerado área de influência dos EUA e a expressiva presença de empresas de propriedade de empresários estadunidenses consolidavam essa opção política internacional. (CHIAVENATO, 1994, p.10)

Giovanni Levi (LEVI, 2006, p.167) diz que se houve épocas que se podia narrar a vida de qualquer pessoa abstraindo-se de qualquer fato histórico, também houve épocas que era possível relatarem um fato histórico abstraindo-se de qualquer destino pessoal. Mas é possível equilibrar ambas as formas de narrativa biográfica, costurando a trajetória de Patrick Peyton à historicidade de sua época, procurando demonstrar as influências de suas ações na construção de um imaginário religioso católico anticomunista.

Em sua narrativa Arnold relata mais detalhes da conjuntura econômica, política e social do Brasil, sob o olhar do *Holy Cross*. Segundo ela, no final de 1961 um grupo de empresários de classe média do Rio de Janeiro identificaram funcionários do governo com convicções comunistas e com planos para paralisar as atividades do Estado, gerando um caos, para depois assumir o governo. O presidente Goulart,

segundo aponta a autora, seria o líder desse grupo. Ante tal situação, proprietários rurais e comerciantes da classe média teriam se aliado a oficiais do exército também provenientes das classes média e alta. (ARNOLD, 1983, p.192)

Para Bourdieu em se tratando das questões biográficas se faz necessário a reconstrução do que ele chama de *superfície social* em que age o indivíduo (BOURDIEU, 2006, p.190). Para isso, é preciso relacionar as concepções de catolicismo, de sociedade e de política de Patrick Peyton para tentar compreender sua trajetória e suas ações.

Arnold, se referindo ao contexto político no Brasil em 1962, ‘martiriza’ os membros do grupo de classe média aliados e que trabalhavam no governo. “Estes cidadãos respeitados do Brasil tiveram que trabalhar disfarçados contra seu governo. Quando eles tentaram denunciar a cumplicidade de Goulart com os comunistas, foram rapidamente repreendidos.” (ARNOLD, 1983, p.192) Para a autora, nem todos os funcionários do governo Goulart lhe eram fiéis. Havia funcionários do governo que fingiam fidelidade a ele mas na verdade eram fiéis ao grupo de empresários que os patrocinavam para que obtivessem informações e criassem um plano de derrubada do governo, entendido por eles como comunizante. (ARNOLD, 1983, p.193)

Arnold continua a descrever, sob se ponto de vista, o cenário político brasileiro quando da chegada da equipe da Cruzada do Rosário, com muitos detalhes:

The country was torn by strikes, and the universities were already committed to the radicals. The country was in chaos. The openness of the propaganda convinced Brazilians that it was only a matter of time before the outbreak of civil war. Terrorist attacks by guerrilla bands trained by Havana portended the imminence of the revolution. Brazilians expected it to be a bloody one, with strong Cuban leadership. They watched, helplessly fascinated, as their president played Russian roulette with their constitutional democracy. (ARNOLD, 1983, p.192)⁶

⁶O país foi assolado por greves, e as universidades já estavam comprometidos com os radicais. O país estava em caos. A abertura da propaganda convencia os brasileiros de que era apenas uma questão de tempo antes da eclosão da guerra civil. Atentados terroristas por grupos de guerrilheiros treinados por Havana anunciava a iminência da revolução. Brasileiros esperavam que fosse um sangrento confronto, com a liderança cubana forte. Eles assistiram, impotentes, como seu presidente fez roleta russa com a sua democracia constitucional. Tradução livre do autor.

No seu relato, a autora não apenas descreve o cenário brasileiro como também o revela. Discorre do ponto de vista de quem está contra o governo Goulart e suas ações. Para ela, os vários movimentos sociais que se agitavam eram um sinal iminente de que o socialismo estaria se instalando no Brasil, com o apoio do governo. Mas também revela que havia grupos de resistência fortemente organizados. Para tanto, exagera afirmando que os brasileiros estavam conscientes de que haveria uma guerra civil e que os inimigos dela estavam sendo liderados pelos cubanos (1983, p.192).

Para reforçar seus grupos, a equipe da Cruzada decide recrutar mulheres, embora o Padre Patrick Peyton preferisse homens, fortes e do meio operário. Mas as mulheres de classe média, convencidas de que a segurança da sua família estava ameaçada, tomaram a frente em meados de 1962. Menos vulnerável a uma represália, elas poderiam agir abertamente. (ARNOLD, 1983, p.192)

Ainda segundo Arnold (1983, p.194), a equipe da Cruzada continuava a recrutar as mulheres em todo o Brasil, principalmente na classe trabalhadora. Pediram as esposas dos estivadores e outros trabalhadores para convencerem seus maridos. Segundo a autora, uma lavadeira teria pedido ajuda para organizar um grupo em sua favela do Rio contou que comunistas traziam filmes das guerrilhas de Castro sob o pretexto de levar educação e recreação para os pobres. Era necessário à equipe da Cruzada combater a ação dos comunistas. Para tal, escreveram um manifesto expondo as identidades dos funcionários e candidatos ao Congresso que eram comunistas. Tal manifesto seria enviado às famílias pelo correio. No entanto, para agilizar a circulação da carta, eles se voltaram para entrega em mãos, usando os seus próprios carros ou mandando entregar, usando para isso os serviços da cooperativa de motoristas de táxis e ônibus. (ARNOLD, 1983, p.194)

Para a sociedade, os eventos organizados pelo Padre Patrick Peyton eram tão somente religiosos, mas em se tratando de análise biográfica precisamos nos esforçar por compreendê-lo como Padre e como formador ou emissor de opinião das massas. Embora possamos nos questionar se ao evidenciar a força e influência de um indivíduo não corremos o risco de cair na armadilha da hagiografia. Para Schmidt (SCHMIDT, 2004, p.140) os personagens que nós construímos podem ser apenas ‘santos laicizados’. Ou seja, da mesma forma que a biografia revela as ações grandiosas do Padre Patrick Peyton, corremos o risco de deixar de especular acerca daquilo que o

biografado não foi capaz de fazer. Precisamos encontrar uma narrativa que contemple essas questões.

Em meio a tanta efervescência, para o Padre Patrick Peyton, “Não haviam as desigualdades entre as almas. Ele não poderia alterar sua vida material, mas ele poderia dizer-lhes como apelar à sua Mãe Santíssima para obter ajuda”. (ARNOLD, 1983, p.194) Esse fragmento do pensamento de Patrick Peyton indicaria que ele reconhecia as desigualdades sociais no Brasil, mas não estava preocupado em fazer nada que as diminuísse. Tinha uma posição clara quanto ao assunto. Era um homem culto, em contato com a Europa e constantemente com o Vaticano. O Concílio Vaticano II estava prestes a se encerrar e, mesmo com inúmeros documentos apontando para a necessidade de uma renovação social da Igreja e sua doutrina em favor dos pobres, preferiu ficar do lado dos ricos que patrocinavam seus eventos de massa. (BEOZZO, 2005)

Das cidades que receberiam a Cruzada do Rosário, a que mais gerava desafios era São Paulo. (ARNOLD, 1983, p.197.) O trabalho da equipe para a preparação da Cruzada começou 11 de fevereiro de 1964. Num país de suposta hegemonia católica, a Arquidiocese de São Paulo, por analogia ao número de habitantes, seria na época a maior do mundo, aproximando-se de cinco milhões de pessoas na cidade e outro milhão nos subúrbios e interior do Estado. Em sua narrativa, a autora procura justificar a necessidade da realização da Cruzada em São Paulo apontando a insuficiência de Padres para o atendimento aos fiéis. Segundo sua compreensão, várias paróquias estavam sem padres. Apenas 125 sacerdotes serviriam toda a Diocese de seis milhões de pessoas. Para os líderes do *Holy Cross Family Ministries*, São Paulo seria território fértil às suas ambições. (ARNOLD, 1983, p.198)

Em meio à tal superpopulação, muitos se diziam católicos mas não frequentavam as missas ou conheciam a doutrina da Igreja. É preciso apontar também para o fato de os padres não estarem inteiramente coesos nos mesmos objetivos ou representações de catolicismo. Muitos atuariam em movimentos de cunho social-católicos como a JEC, JOC e JUC⁷ em oposição aos objetivos supostamente apenas místico-religiosos da Cruzada do Rosário.

⁷ A Ação Católica contava então com cinco organizações destinadas aos mais jovens: a JEC (Juventude Estudantil Católica), formada por jovens estudantes do ensino médio (secundaristas), a JOC (Juventude Operária Católica), que atuava no meio operário, a JUC (Juventude Universitária

Na cidade superpovoada, quase sem padres, a estratégia da Cruzada foi de divulgação midiática em massa, usando projetores para exibir suas mensagens e organizar o grande evento da Cruzada do Rosário, que converteria os operários ao Rosário em família, reforçando a resistência ao comunismo. (HOLY CROSS, 1992, p.05)

As equipes da Cruzada precisariam de um espaço físico para sediar a organização do evento. Um imóvel comercial para a sede do *Holy Cross*, foi doado no centro de São Paulo. O escritório, em um novo prédio de propriedade do Banco do Brasil, era uma sala ampla com dois lados de vidro com vista para as ruas. O espaço era abundante. O escritório iniciou as atividades em 09 de março. A bênção do escritório foi assistida por empresários e industriais, funcionários governamentais, líderes comunitários e sociais e da hierarquia católica e os líderes organização religiosa. A mídia cobriu o evento. (ARNOLD, 1983, p.200) É curiosa a quantidade de detalhes que a autora traz presente em seu texto. No entanto, algumas informações nos seriam preciosas e foram ocultadas em seus relatos de memória. Quem teria doado tal imóvel? Pois um imóvel em um edifício novo, de propriedade do Banco do Brasil, deve ter custado uma verdadeira fortuna. Ainda nesse sentido ela aponta que:

Funds for the Crusade came, as usual, from donations by wealthy benefactors. Other goods and services also were donated, including the best resources of several top advertising agencies of Brazil, especially Acar Propaganda, directed by Paulo Nascimento, who was assisted by Raquel Zuckerman. (ARNOLD, 1983, p.200)⁸

Aqui novamente Arnold dá pistas da origem do dinheiro que financiava os gigantescos eventos, embora se limite a dizer que as doações vieram de benfeitores ricos. Aponta apenas nomes de agências de publicidade que ajudaram na divulgação e

Católica), constituída por estudantes de nível superior. O crescente envolvimento do movimento estudantil na discussão dos problemas nacionais e das chamadas "reformas de base", tais como a reforma agrária, acabou por engendrar a criação de uma organização política desvinculada da Igreja - a Ação Popular constituída por antigos membros da JUC

⁸*Fundos para a Cruzada chegou, como de costume, a partir de doações de benfeitores ricos. Outros bens e serviços também foram doados, incluindo os melhores recursos de várias agências de publicidade superior do Brasil, especialmente Acar Propaganda, dirigido por Paulo Nascimento, que foi assistida por Raquel Zuckerman. Tradução livre do autor.*

marketing. O que fica evidente, apesar desta ausência de nomes, é que o resultado da mobilização, em 19 de março de 1964, foi surpreendente.

“O primeiro ato das reformas de Jango marcou o começo do fim de seu governo. Um sinal de tempestade veio com a Marcha da Família com Deus pela Liberdade...”. (FAUSTO, 1996, p.460)

Cerca de meio milhão de pessoas saíram às ruas em 19 de março de 1964, em São Paulo, como podemos analisar no acervo on-line do jornal A Folha de São Paulo: “Ontem, São Paulo parou. E foi à praça pública - porque “a praça é do povo” - numa mobilização que envolveu meio milhão de homens, mulheres e jovens, também de outros Estados: a “Marcha da Família com Deus, pela Liberdade”. (...) Foi a maior manifestação popular já vista em nosso Estado. O repúdio a qualquer tentativa de ultraje à Constituição Brasileira e a defesa dos princípios, garantias e prerrogativas democráticas constituíram a Tónica de todos os discursos e mensagens dirigidos das escadarias da catedral aos brasileiros, no final da passeata.” (FOLHA DE SÃO PAULO, 1964)

Embora a Marcha da Família com Deus pela Liberdade fosse o sinal definitivo de que grande parte da classe média e alta do Brasil era abertamente favorável ao golpe, as grandes manifestações públicas seriam virtualmente banidas depois que os militares tomaram o poder. Curiosamente, em 02 de abril de 1964, a Marcha da Família com Deus pela Liberdade foi realizada no Rio de Janeiro. Com cerca de meio milhão de pessoas participantes, teria sido a marcha da vitória dos militares. Carlos Lacerda, um dos principais oponentes de João Goulart estava presente. (SILVA, 1978, p.225)

Os jornais paulistas publicaram como manchete de capa, no dia 20 de março de 1964, dia seguinte ao evento.

Durante hora e meia, com a cidade adquirindo aspectos de feriado, um caudal humano correu, ininterruptamente, da praça da República para a praça da Sé, passando pela rua Barão de Itapetininga, praça Ramos de Azevedo, Viaduto do Chá, praça do Patriarca e rua Direita, até se represar ante as escadarias da catedral metropolitana. (...) Com bandas de musica, bandeiras de todos os Estados, centenas de faixas e cartazes, numa cidade com ar festivo de feriado, a “Marcha” começou na praça da Republica e terminou na praça da Sé, que viveu um dos seus maiores dias. “Meio milhão de homens, mulheres e jovens (...) foram mobilizados pelo acontecimento.” Com “vivas” à democracia e à Constituição, mas vaiando os que consideram “traidores da patria”. (ÚLTIMA HORA, 20/04/64 capa)

O Jornal A Última Hora, trazia na sua edição vespertina do dia 20 de março de 1964, como manchete “REVOLUÇÃO CONTRA AS REFORMAS. Plínio Salgado prega nas ruas de São Paulo: Dirigindo-se à multidão, que num movimento de fé cristã, saiu ontem, às ruas de São Paulo, o Sr. Plínio Salgado pregou a revolução do povo contra as reformas, no que foi secundado por outros líderes da revolução e do fascismo.” (ÚLTIMA HORA, 20/04/64)

A Marcha da Família com Deus pela Liberdade chegou à Praça da Sé por volta das 18h30min horas. Nas escadarias da Catedral, vários líderes políticos e religiosos usaram o microfone e discursaram insuflando os presentes a manifestar o apoio respondendo às orações ou com palmas e gritos.

As manifestações político-religiosas como a Cruzada do Rosário e a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, desencadearam a ação dos militares que tomaram o poder num golpe de Estado em 01 de Abril de 1964. (CHIAVENATTO, 1994) O presidente João Goulart foi deposto e o Brasil foi submetido à Ditadura Militar. Os presidentes deixaram de ser escolhidos pelo povo, por voto direto e secreto. Os presidentes passaram a ser generais do Exército, escolhidos em reuniões secretas dos comandantes das Forças Armadas. Esse regime teve continuidade até 1985. (FAUSTO, 1996)

Em 2001, a Congregação pelas Causas dos Santos no Vaticano abriu o processo para estudar a possibilidade de canonização de Patrick Peyton. Mas a Cruzada do Rosário na América Latina, vista a partir do episódio brasileiro, a atual candidatura de Patrick Peyton à canonização coloca a Igreja Católica diante da possibilidade inaceitável de dar legitimidade moral ao zelo religioso ‘enganosamente colocado’ a serviço das forças autoritárias. (MCCULLOUGH, 2007, p.27) Acredito que essa seja uma excelente oportunidade de revisão das circunstâncias políticas da missão do Padre Patrick Peyton no Brasil e na América Latina.

Considerações

Ao buscar uma narrativa de análise biográfica do Padre Patrick Peyton e sua trajetória na Igreja Católica no Brasil entre 1962 e 1964, buscamos também compreender a contribuição dada por ele e suas ações através das Cruzadas do Rosário, na construção de um imaginário religioso anticomunista nos meios católicos.

A Igreja Católica estava passando por transformações internas decorrentes das mudanças exigidas pelo Concílio Vaticano II. O mundo vivia a intensa disputa da bipolaridade capitalista-socialista. No Brasil, o presidente João Goulart parecia querer agradar às massas de trabalhadores e com suas ações era apontado pelos empresários como comunista. Esta problemática pode ser narrada por diversos ângulos, no entanto, a escolha metodológica foi a de percorrer a trajetória e experiência de um indivíduo, o Padre Patrick Peyton para compreender os processos histórico-sociais relacionados à Igreja Católica no Brasil nos anos que precederam ao golpe militar em 1964.

Nos últimos anos, tornou-se possível o debate e expressiva recepção entre os historiadores, deslocar o foco das análises para as ações do indivíduo e não somente o panorama da conjuntura. Com uma perspectiva diferente da dos positivistas, o indivíduo voltou a ser problematizado na pesquisa histórica. (LEVI, 1992).

Para LORIGA, (1998) foi a crise da história cientificista e também da crise de interpretação marxista e suas análises estruturais que levou os historiadores a aprofundar a conceituação de indivíduo. Daí, a opção de muitos historiadores em construir narrativas biográficas como gênero historiográfico, pois com as contribuições de *Annalles* e da micro-história italiana, reconhecer o método biográfico é possibilitar trazer à tona o cotidiano e subjetividades primeiramente excluídos, ou seja, as realidades históricas podem ser estudadas e compreendidas a partir de uma vida e de sua rede de relações.

Referências

ARNOLD, Jeanne Gosselin. *A Man of Faith – Father Patrick Peyton, CSC, his life, mission and message*. Family Theater, Inc. Hollywood, California, 1983.

BEOZZO, José Oscar. *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II: 1959-1965*, São Paulo : Paulinas, 2005.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: . AMADO, J. FERREIRA, M. M. Usos & abusos da história oral Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. P.p. 183-191.

BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: Novas perspectivas*. Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 1992.

CHIAVENATTO, Júlio José. *O golpe de 64 e a ditadura militar*. São Paulo: Moderna, 1994.

DREIFUSS, René Armand. *1964: a conquista do Estado. Ação política, poder e golpe de classe*. Petrópolis: Vozes, 1981.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1996.p.460.

FALCON, Francisco. História e Poder. In CARDOSO, Ciro e VAINFAS, Ronaldo (org.) *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1999

FOLHA DE S.PAULO, sexta-feira 20 de março de 1964. Arquivo on-line: http://almanaque.folha.uol.com.br/brasil_20mar1964.htm, acessado em 22/09/2008.

HOLY CROSS, Family Ministries. Padre Patrick Peyton, CSC – Vida e Obras. Rio de Janeiro, 1992, impresso interno.

IANNI, Octavio. *A formação do Estado populista na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: *A Escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP 1992.

LEVI, Giovanni (org.). Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos & abusos da História Oral*. 8ª. Ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 2006.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: *Jogos de Escalas – a experiência da microanálise*. REVEL, J. (org.) Rio de Janeiro, 1998.

MCCULLOUGH, Michael F. O padre do rosário, o golpe de 64 e a Cia. *Caros Amigos*. Julho/2007, p.27

NAPOLITANO, Marcos. *O regime militar brasileiro: 1964-1985*. São Paulo: Atual, 1998.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro. *Religião e Dominação de Classe: Gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1985.

OLIVEIRA, Plínio Corrêa. *Meio século de epopéia anticomunista*. São Paulo: Editora Vera Cruz,

PEYTON, Patrick. All for her – The autobiography of Father Patrick Peyton, CSC.. Doubleday & Company, inc. Garden City, New York, 1967, p.74.

RÉMOND, René. Por uma História política. Tradução: Dora Rocha. UFRJ. Rio de Janeiro. 1996

ROSÁRIO EM FAMÍLIA BRASIL. Padre Patrick Peyton, CSC – Vida e Obras. Associação da Cruzada do Rosário em Família. Rio de Janeiro: 2009.

SILVA, Hélio. 1964: Golpe ou contragolpe? Porto Alegre: L&PM, 1978.

SKIDMORE, Thomas E. *O Brasil visto de fora*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

SCHMIDT, Benito B.(org.). O biográfico: perspectivas interdisciplinares. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

ÚLTIMA HORA (Jornal), 20 de março de 1964. capa.